

As experiências interétnicas dos índios do norte da Amazônia

FOTO EDUARDO CÉSAR



Nove povos indígenas que habitam a região de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa e o Suriname e que se encontram em diferentes estágios culturais mantêm relações de convivência, em níveis diferentes, com outros povos e com não-índios, sem perderem as suas características particulares. Esta observação, e o estudo aprofundado das experiências interétnicas desses povos indígenas, pode representar uma preciosa contribuição para a revisão de conceitos acadêmicos antropológicos – que indicam o isolamento como a forma de os índios manterem a própria cultura e sua identidade

O estudo está sendo realizado por pesquisadores do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da USP-Universidade de São Paulo, no âmbito do projeto temático *Sociedades Indígenas e suas Fronteiras na Região Sudeste das Guianas*, financiado pela FAPESP e coordenado pela antropóloga e professora Dominique Gallois.

Nesse estudo, estão povos que foram contactados há 300 anos, como os Galibi, os Karipuna e os Palikur, na região do rio Oiapoque, no norte do Estado do Amapá, e

índios como os Zo'ê, que, até 1987, permaneceram isolados na floresta, entre os rios Erepecuru e Cuminapema, no norte do Pará.

Os pesquisadores querem colaborar para a renovação dos estudos das teorias de contato que hoje ainda têm como predominantes duas vertentes que se complementam e servem para suprir o senso comum da sociedade

e o direcionamento da política indigenista no país. Uma delas prega que o índio deve ficar isolado, sem ter contato com outras culturas, para preservar a sua própria cultura. A outra vertente diz que o intercâmbio com o homem branco leva o índio à total descaracterização e seu conseqüente desaparecimento como povo.

Essa visão era unânime até a década de 70, assinala Dominique Gallois. “Vinte anos depois, é possível verificar que os povos indígenas estão aí, reforçando a sua identidade e especificidades”. E a pesquisadora acrescenta: “No mundo atual, não há mais espaço para populações isoladas. O isolamento é uma idéia romântica, agregada à idéia de primitivismo. Os Zo'ê, por exemplo, não ficaram parados desde 1500. Eles têm uma história própria interna e de contatos com outros índios, ao longo desses anos”.

A pesquisa, iniciada em 1996 e que vai se estender até o ano 2000, tem aporte financeiro de R\$ 200 mil.

Relações interétnicas

Segundo a professora Dominique Gallois, as relações interétnicas dos povos indígenas da Amazônia são múltiplas e de diferentes

níveis de interação e precisam ser comparadas para que se possa ter um quadro antropológico mais real. Além das relações entre grupos indígenas, estão incluídos, aí, o contato e a influência de garimpeiros, madeireiros, fazendeiros, sertanistas, missionários e o próprio trabalho dos postos da Funai. “Sob essa perspectiva, estamos analisando, também, a situação de contato entre grupos, de um mesmo povo, que se separam, muitas vezes, em aldeias, e têm relações diferenciadas em nível local, nacional e internacional com outras etnias”.

Comparações também serão realizadas para analisar um mesmo povo dividido pela fronteira entre o Brasil e o Suriname (antiga Guiana Holandesa). É o caso do povo Tiri-yó. “Com eles, estamos analisando o impacto das missões religiosas. No Suriname, os Tiri-yó são evangélicos, de formação norte-americana, e no Brasil, são católicos, por influência de uma missão franciscana. Queremos saber quais as diferenças culturais internas desses povos sob esse tipo de contato religioso”, conta Dominique.

A pesquisa quer saber também qual o impacto das diferentes políticas nacionais sobre os índios. Os estudos de campo vão fazer comparações entre o índio que vive sob a tutela e a proteção da União, no Brasil, enquanto, na Guiana, eles são cidadãos plenos, chegando a votar para o Parlamento Europeu.

Em alguns casos, os povos indígenas estão totalmente integrados à sociedade local, com grande importância econômica, política e cultural. No norte do Amapá, os povos indígenas são a população majoritária da região, falando português e o idioma nativo. “O prefeito da cidade de Oiapoque é índio e eles são os principais fornecedores de

canoas e farinha da região”, afirma a professora Lux Vidal, coordenadora dos trabalhos no Oiapoque. Em um outro caso, a situação é diferente. Os Waiãpi, que vivem em várias aldeias no Amapá, na fronteira do Brasil e Guiana Francesa, expulsaram todos os invasores de suas terras, inclusive os garimpeiros, e hoje procuram meios alternativos para explorar os recursos minerais de suas terras e manter sua autonomia cultural.

Na sua abrangência, os vinte pesquisadores que trabalham neste

projeto temático analisam o modo de vida, a língua, as organizações social, política e econômica, além da religião, da cosmologia – que dita a visão de mundo de cada povo – e as expressões artísticas e culturais de cada povo indígena. “Queremos analisar a criatividade e a reação dos índios em se articular com outros povos e mostrar como se desenvolve, na fronteira política, a construção de múltiplas fronteiras – nação, língua, ideologia e cultura”, destaca a antropóloga.

Os trabalhos de campo se reali-

zam em sete bases: no Oiapoque, onde vivem os Galibi, Palikur e Karipuna; no oeste do Amapá, onde estão aldeias Waiãpi; na Guiana Francesa, onde se encontra o mesmo grupo indígena; na fronteira entre a Guiana Francesa e o Suriname, onde vive o povo Wayana; na região de divisa entre Pará e Amazonas, onde vivem os povos Wai-Wai e os Yanomamis; no Parque Indígena do Tumucumaque, no norte do Pará, onde vivem os índios Tiriyó e os Wayana; e em outra área do norte do Pará, onde vivem os Zo’ê.

Índios do Brasil

A população indígena existente hoje no Brasil é de cerca de 250 mil indivíduos, distribuídos em 200 grupos étnicos, responsáveis pela diversidade de mais de 170 línguas. Estima-se que quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, em 1500, eles somavam de dois a cinco milhões de pessoas. Muitos povos desapareceram, mas nos últimos anos a situação tem se invertido, com os índios se organizando e tendo contato com o restante da sociedade brasileira sem perder as suas identidades culturais. Mas muitos grupos na Amazônia ainda estão isolados, mostrando como são diversas as realidades dos povos indígenas brasileiros. Este projeto temático aborda algumas dessas realidades e contribui para um melhor entendimento da situação indígena do país. A seguir, um pouco da história dos povos que estão na pesquisa, a partir de informações constantes da publicação Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará, feita para a Exposição Semana do Índio, Macapá, abril de 1997

Zo’ê - Os avós dos 150 índios contatados em 1987 (embora a Funai soubesse da existência desses índios desde 1976), certamente conheciam o homem branco e resolveram se refugiar num local de difícil acesso no norte do Pará. Há muitos anos, eles tinham contatos esporádicos com castanheiros e gateiros (intermediários de mão-de-obra) em quem conseguiram impor medo com suas flechas, além de conquistar os primeiros machados de ferro. Atualmente, apenas dois meninos falam português. O restante dos membros, que se dividem em quatro aldeias, fala uma língua do tronco Tupi.

Wai-Wai - Povo que fala uma língua do tronco Caribe e vive, atualmente, no Pará, na divisa com o Estado do Amazonas. É um povo que migra muito. Nos anos 40, esses índios saíram das terras paraenses e foram para a Guiana (antiga Guiana Inglesa). Vinte anos depois, voltaram para o Pará e hoje seguem para o Estado de Roraima.

Yanomamis - É o grupo indígena mais estudado, com amplitude internacional, por franceses, ingleses, americanos, brasileiros e venezuelanos. São 150 aldeias no Brasil e 100 na Venezuela. O projeto temático vai abordar as influências externas na prática do xamanismo (contato com espíritos) exercido pelos pagés.

Waiãpi - Falante de uma língua do tronco Tupi, esse povo vive nos dois lados da fronteira do Brasil (Amapá) com a Guiana Francesa. Extremamente organizados, os Waiãpi fazem planos para se fortalecer com a exploração de seus recursos naturais. O garimpo e o plantio de cupuaçu e pupunha estão incorporados de forma sazonal

às atividades de algumas aldeias, que têm organização autônoma e descentralizada.

Wayana - Existem aldeias desses índios no Parque Indígena do Tumucumaque, na divisa do Pará com o Amapá, no Suriname e na Guiana Francesa. No Brasil, somam cerca de 400 índios, que falam uma língua Caribe. Há cerca de 100 anos, eles aprendem a conviver com outros segmentos da sociedade nacional, buscando garantir sua integridade étnica. Atualmente, desenvolvem trabalhos na área de saúde e educação junto com a Funai, pesquisadores e governo do Amapá.

Tiriyó - No Brasil, habitam o noroeste do Parque Indígena de Tumucumaque, no norte do Pará. Mas suas aldeias se espalham também além da fronteira, no Suriname. São ao todo 1.700 indivíduos. Falam uma língua do tronco Caribe. Vivendo em uma região de difícil acesso, eles não sofreram o avanço de frentes extrativistas, pastoris ou agrícolas. No Brasil, eles têm contato apenas com quatro missionários franciscanos e alguns militares da FAB que fazem vistorias e permanecem no posto de fronteira.

Galibi - São 1.400 pessoas, que vivem numa região plana e de savana às margens do rio Uaçá, no norte do Amapá. São descendentes de várias etnias Caribe e Aruaque. Hoje falam o patuá, uma língua de comunicação com os outros povos da região, que é uma mistura do francês e línguas africanas faladas pelos escravos. Produzem grandes quantidades de farinha e constroem barcos. Têm vida comunitária estruturada com orientações do cacique e dos conselheiros.

Karipuna - Vivem na bacia do Rio Curipi, na região do Oiapoque, ocupando várias aldeias desde o início do século 19. Os antepassados falavam uma língua Tupi, mas hoje, além do português, adotam o patuá.

Palikur - Mencionados desde o início do século 17 pelos primeiros portugueses que chegaram à região. Estão divididos entre o Brasil, onde vivem 780 índios instalados às margens do rio Urukúá, e na Guiana Francesa, ao longo do rio Oiapoque, nas cercanias da capital, Caiena, e da cidade de Saint Georges. Os Palikur falam uma língua do grupo Aruaque, além do português, do francês e do patuá. Grande parte desse povo frequenta a igreja evangélica Assembléia de Deus.